

# EDUCAÇÃO MIDIÁTICA COMO ALTERNATIVA A DESINFORMAÇÃO E A DEEPPFAKE

Felipe da Cruz Miranda<sup>1</sup>, Cristiano Maciel<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Mato Grosso. - Brasil

<sup>1</sup> [felipe.a.negocios@outlook.com](mailto:felipe.a.negocios@outlook.com) <sup>1</sup> [cristiano.maciel@ufmt.br](mailto:cristiano.maciel@ufmt.br)

**Resumo:** O presente trabalho aponta reflexões sobre os dilemas acerca da desinformação, e da utilização de inteligência artificial generativa (IA), a partir da técnica de deepfake, e de igual modo, a forma como a popularização desta técnica pode agravar as consequências da desinformação na sociedade e para a educação. Como enfrentamento a este cenário, recorreremos a educação midiática e ao letramento digital, como alternativa aos problemas mencionados, retomando o papel da educação como protagonista do processo de construção de uma experiência saudável, responsável, ética e crítica com as tecnologias de inteligência artificial (IA), com as redes sociais, e nas relações entre os sujeitos praticantes da cultura digital.

**Abstract:** The present work points out reflections on the dilemmas about disinformation, and the use of generative artificial intelligence (AI), from the deepfake technique, and likewise, how the popularization of this technique can aggravate the consequences of disinformation in society and for education. To face this scenario, we resorted to media education and digital literacy as an alternative to the problems mentioned, resuming the role of education as a protagonist in the process of building a healthy, responsible, ethical and critical experience with artificial intelligence (AI) technologies, with social networks, and in the relationships between the subjects practicing digital culture.

## 1. Introdução

Em que medida a sociedade da informação, contexto em que estamos inseridos, tem desenvolvido relações positivas em suas conexões em rede? E mais do que isso, em um contexto de cultura digital mais abrangente, que leva em consideração não apenas a tecnologia, mas a forma como os sujeitos se apropriam desta tecnologia e se colocam em sociedade, como encarar a proliferação de problemas relacionados a desinformação e Fake News? Braz e Digiampietri (2024), apontam alguns conceitos que devem ser observados e diferenciados em respeito ao tema.

Enquanto “Fake news” geralmente se referem a notícias fabricadas com a intenção de enganar, “rumores” podem ser entendidos como informações não verificadas que circulam entre o público, e “desinformação” abrange uma gama mais ampla de informações falsas ou enganosas, independente da intenção. (Braz e Digiampietri. 2024, p. 2)

Braz e Digiampietri (2024), recorrem a uma revisão sistemática de literatura que tem por objetivo “compilar e analisar as metodologias, técnicas e desafios associados a detecção de fake news em domínios cruzados”

Este trabalho, no entanto, busca partir de uma abordagem qualitativa de revisão bibliográfica, a fim de apontar parte deste cenário no centro de suas

reflexões sobre as implicações da desinformação e das deepfakes para a educação, sobretudo nos aspectos da educação midiática e do letramento digital.

## **2. Comunicação, informação e conhecimento**

Para tratar deste tema, fazemos referência a Unesco (2020), que aponta um fenômeno que eclode a partir da emergência sanitária do coronavírus Sars-cov-2, e se estabelece na sociedade como um dilema da comunicação no período da pandemia, segundo a Unesco.

O termo adotado nesta pesquisa para descrever as inverdades que alimentam a pandemia e seus impactos é desinfodemia – devido à enorme “carga viral” de desinformação possivelmente letal, que foi descrita pelo secretário-geral da ONU como um veneno e o outro “inimigo” da humanidade nesta crise. (UNESCO, 2020, p. 2).

Este aspecto viral descrito pelo documento, nos apresenta uma característica muito emblemática de nosso tempo, a dificuldade em separar o que é informação, daquilo que é de fato um conhecimento estruturado e crítico. O documento da Unesco (2020), ainda reflete algumas políticas públicas para o enfrentamento a esses dilemas, e descreve alguns aspectos desse processo “O circuito de desinformação pode ser avaliado em termos de sua produção, transmissão e recepção/ consumo. Em uma quarta dimensão, há a reprodução do conteúdo por meio do compartilhamento em cadeia e da amplificação além do ciclo inicial”.

Estes e outros dilemas têm cada vez mais nos colocado como atores de uma cultura digital interligada e que se constrói e se modifica a um piscar de olhos, como aponta Harari (2024) em entrevista “Informação não é conhecimento. A maior parte da informação é lixo. Conhecimento é um tipo raro e caro de informação”, e a fim de problematizar essa perspectiva, este trabalho aponta algumas questões no que se refere às relações sociais, sobretudo as que ocorrem por meios digitais nas redes sociais, os desafios em transformar informação em conhecimento, os dilemas que o excesso de informação traz para a educação, e mais atualmente, o impacto que as técnicas de deepfakes, isto é, a manipulação de conteúdo audiovisual através de inteligência artificial, podem exercer na sociedade da informação, e sobretudo na forma como construímos nossas noções da realidade.

Como enfrentamento ao que a Unesco aponta como desinfodemia, o documento de políticas públicas da instituição propõe como estratégia um movimento que trate de “interromper o fornecimento e a criação de conteúdo falso, limitar sua transmissão, inocular os destinatários contra seus efeitos e impedir sua circulação” (Unesco, 2020). Ou seja, o tratamento do problema passa por uma compreensão mais ampla dos aspectos que contribuem para esse cenário, não basta apenas remediar a desinformação, as fakenews ou mesmo as deepfakes.

Como alternativa a essa problemática, destacamos o papel do letramento digital, como proposta de intervenção na educação, a fim de superar as barreiras e os dilemas que apontamos no parágrafo anterior. Nas considerações de Trevisan, Maciel e Souza (2022)

É preciso construir um conhecimento que favoreça o desenvolvimento de letramentos digitais em uma perspectiva crítica, que requer a compreensão das múltiplas relações articuladas aos usos do digital em

rede e seus contextos na sociedade, adotando dessa forma uma postura condizente com as demandas da cultura digital. (TREVISAN; MACIEL; SOUZA, 2022, p. 10).

Consideramos o letramento digital, a educação midiática, a literacia digital como oportunidades do desenvolvimento responsável, técnico, ético, autônomo, e crítico de habilidades que possam desenvolver os sujeitos para estarem seguros em sua navegação no ciberespaço, e portanto, possam exercer uma verdadeira autonomia e cidadania digital, considerando que neste ponto, a educação pode transformar os processos de interação homem – máquina – sociedade, e ressignificar as práticas dos usuários.

### **3. Desinformação e deepfake como problemas da educação.**

Como apontamos anteriormente, o problema da desinformação é um dos elementos que nos coloca em um cenário do que a Unesco classificou no período da pandemia de Sars-Cov-2 como “Desinfodemia”, e para tanto, retomamos este conceito para ilustrar os impactos da desinformação na sociedade e na educação, sobretudo com os avanços recentes da técnica de alteração de conteúdo audiovisual através das deepfakes, nesse sentido, compreendemos que tanto as deepfakes como a circulação viral e em larga escala da desinformação, se colocam como problemas urgentes para a educação.

Para Molina e Berenguel (2022) “as deepfake se tornaram uma ferramenta poderosa para influenciar ou distorcer a verdade, seja no âmbito político ou social, usada dessa forma a tecnologia passa a ser uma extensão das fake News”, o que nos coloca em uma escala da desinformação ainda mais complexa, pois a técnica simula com muita maestria os aspectos da realidade, como a voz, o rosto, os gestos das pessoas alvo da deepfake. Os autores ainda fazem referência a (Korshunov e Marcel, 2019) que apontam “A edição de vídeos, áudios e fotografias com o uso de inteligência artificial permite a criação e disseminação rápida de conteúdos modificados e com alta qualidade, dificultando a identificação de fraudes e adulterações.”

No artigo Molina e Berenguel (2022), apontam uma metodologia do enfrentamento a este cenário de avanço indevido e imprudente da técnica de deepfake, que pode ser compreendido a partir de quatro frentes principais, sendo elas: as tecnologias (a técnica em si, os softwares, os algoritmos de treinamento de máquina), a legislação (e no caso do Brasil, ainda não há legislação específica para a utilização de inteligência artificial generativa e menos ainda para conteúdo deepfake, deixando uma margem muito ampla para a impunidade), a convenção de Budapeste a qual o Brasil é signatário, e a conscientização dos usuários, retomando (Westerlund, 2019) “É imprescindível popularizar como as deepfakes funcionam e aumentar a conscientização sobre o uso indevido da tecnologia e ao mesmo tempo fornece ferramentas e métodos para ajudar a identificá-la”.

Para avançar na compreensão desse problema, sobretudo no aspecto da conscientização dos usuários, Santaella e Salgado (2021), apresentam dados do levantamento global *Edelman Trust Barometer*, que demonstram uma consequência direta do avanço deste cenário de desinformação e crise da confiabilidade.

Por fim, 53% das pessoas dizem confiar em mídias tradicionais em 2021, queda de 8% em relação a 2020, quando eram 61%; e um declínio

de 12% em relação a 2019, quando 65% diziam confiar na imprensa (EDELMAN, 2021, p. 24 e 25). A Edelman considera “confiável” um resultado entre 60% e 100%. (SANTAELLA, 2022, p. 93).

Como havíamos apontado, compreendemos que a educação midiática e o letramento digital podem ser uma alternativa eficaz para a superação deste problema, tendo em vista que sua estrutura vai além de apenas aprender a utilizar a mídia, mas a problematiza como um todo, atentos a isto trazemos a contribuição do Instituto Palavra Aberta, que apontam para a educação midiática como

As habilidades necessárias para ler, escrever e participar do ambiente informacional da sociedade de forma ética, segura e responsável, observando criticamente as mensagens de mídia em todos os seus formatos, as formas de produção e circulação de informações e as relações de poder incorporadas a esses sistemas. (OCHS, 2024, p. 29).

Aliado a isto, no Brasil, contamos com a Base Nacional Comum Curricular (2018), que propõe a referência curricular para o ensino básico, o documento aponta o desenvolvimento de habilidades gerais que podem abrir espaços para intervenções da educação midiática, sobretudo nas habilidades gerais de número 4 e 5 que fazem referência ao desenvolvimento de múltiplas linguagens e “utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética”

### **Considerações Finais**

Portanto, consideramos que na educação encontramos a oportunidade de superar os dilemas contemporâneos em relação a desinformação e as práticas inapropriadas da utilização de soluções de inteligência artificial generativa, a exemplo da técnica de deepfake, e neste sentido, em especial, o letramento digital pode reunir as habilidades necessárias para que os praticantes da cultura digital possam estar preparados para sua vivência nas redes, considerando princípios fundamentais da educação e da sociedade como a autonomia, a ética e o pensamento crítico.

### **Referências**

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- HARARI. Yuval. **Informação não é conhecimento, e IA é a tecnologia mais poderosa da história**. Folha de São Paulo. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/09/informacao-nao-e-conhecimento-e-ia-e-a-tecnologia-mais-poderosa-da-historia-diz-yuval-harari.shtml>. Acessado em 10/09/2024
- MOLINA. Adriano, C. BERENGUEL. Orlando, L. **Deepfake: A evolução das fake News**. Research, Society and Development, v. 11, n. 6, 2022
- OCHS. Mariana. **Educação Midiática e Inteligência Artificial: Fundamentos**. São Paulo. Instituto Palavra Aberta. 2024.
- POSETTI, Julie. UNESCO. BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemia: Dissecar as respostas à desinformação sobre a COVID-19**. 2022
- SANTAELLA, Lucia; SALGADO, Marcelo de Mattos. **Deepfake e as consequências sociais da mecanização da desconfiança**. TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 23, jan./jun. 2021, p. 90-103.
- BRAZ, RafaelR. DIGIAMPIETRI, Luciano A. **Deteção de Fake News em Domínios Cruzados: Uma Revisão Sistemática**. in: Anais XIII Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining (BraSNAM 2024). 2024. Brasília. 2024. p. 75 - 88
- TREVISAN, Daniele. MACIEL, Cristiano. SOUZA, Terezinha, F. M. **O lugar da crítica na mobilização de letramentos digitais**. RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 9, n. 2, p. 9-32, jul./dez. 2022.